

**“RAPTE-ME CAMALEOA”: REGINA CASÉ E SUA TRAJETÓRIA
COMO “ANTROPÓLOGA MIDIÁTICA DO POPULAR”**

Ohana Boy Oliveira¹

Resumo: Neste artigo, proponho uma análise da narrativa audiovisual apresentada no *Esquentar!* exibido em 01 de março de 2015, um programa especial em comemoração ao aniversário da apresentadora e atriz Regina Casé. Através da linguagem televisiva e suas representações culturais, investigo como essa edição específica e a performance de Regina Casé ao longo de sua trajetória profissional corrobora com a ideia de “antropóloga midiática do popular”. Para tal investigação serão utilizadas também trechos de uma entrevista disponível na internet, realizada antes da gravação do mesmo em uma coletiva de imprensa. Busco, dessa forma, reunir os elementos simbólicos que ratificam a categoria interpretativa a ser desenvolvida na pesquisa.

Palavras-chave: *Esquentar!*, Regina Casé, “antropóloga midiática do popular”.

As discussões presentes nesta comunicação fazem parte da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada *A trajetória de Regina Casé como “antropóloga midiática do popular”: mediações culturais e estratégias de programação televisiva*, embasada pela dissertação de mestrado² “*O que o mundo separa, o Esquentar! junta?*”: *como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios*. O programa a ser analisado ajuda a pensar como, por meio da trajetória da apresentadora e atriz, foi construída, em termos de performance, uma espécie de “antropóloga midiática do popular” e uma “cartógrafa da alteridade”, produzindo simbolicamente uma ideia do popular a ser enaltecida.

Entendo a performance da mesma como uma construção enquanto “expedicionária das mídias”, uma artista múltipla que faz um “trabalho de campo midiático”, atuando no intuito de fazer uma cartografia do outro. Dessa forma, esses aspectos, fortemente associados à parceria com o antropólogo Hermano Vianna, configuram um capital simbólico fundamental para a legitimação de Regina Casé enquanto apresentadora.

Considero que a mesma é representada (reconhecendo as ambivalências das

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. ohanaboy@gmail.com.

² Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense entre 2013 e 2015.

representações sociais) como possível “tradutora e intérprete” da diferença, quanto aquela autorizada a fazer a mediação entre o universo da televisão e os territórios nos quais busca os elementos para os programas, majoritariamente compostos por espaços estigmatizados tais como favelas, periferias, subúrbios e comunidades tanto do Rio de Janeiro (caso do *Esquentar!*, por exemplo) quanto do Brasil e do mundo (nos programas *Brasil Legal*, *Minha periferia é o mundo* e *Central da Periferia*, principalmente).

Na maioria das vezes, esse contato com tais territórios é configurado em um tom de informalidade, através de entrevistas que pretendem ser conversas cotidianas, com o menor distanciamento possível entre a apresentadora e o entrevistado. Essa dinâmica se aproxima inclusive do programa *Um pé de quê?*, também apresentado por Regina Casé no Canal Futura, que tem como mote a identificação de árvores, buscando a visibilidade e o conhecimento de determinadas espécies da flora.

Em entrevista³ antes da gravação do *Esquentar!*, Regina Casé, ao comentar que *Um Pé de Quê?* completava 15 anos, defende: “A gente prega no *Esquentar* contra o preconceito, e fazemos uma festa que celebra a diferença. E na Mata Atlântica você vê isso. Parece que um programa de botânica não tem nada a ver com um programa de samba, mas tem”. Podemos traçar um paralelo entre essa Regina “expedicionária da natureza” e essa outra performance de Regina “expedicionária da periferia”, que se aventura na busca da “riqueza cultural” do Brasil através do mapeamento do outro, geralmente um outro subalternizado pelas condições socioeconômicas (muitas vezes essas adversidades e desigualdades não são tratadas de forma problematizadora).

Buscando essa mistura de elementos diferentes, os programas se propõem a avaliar positivamente aqueles que, em tese, não teriam visibilidade, utilizando a mediação, desta forma, como moeda de negociação e chave de inclusão e exclusão social. Nesse sentido, é relevante problematizar a narrativa de Regina Casé sobre si, pois a construção de seu próprio discurso dá a entender, com frequência, que todos seus

³ Entrevista disponível em: <http://diversao.terra.com.br/tv/programas/regina-case-chega-aos-61-anos-com-tudo-em-cima-sem-botox,8cd3d3ac277cb410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> Acesso em 24 de maio de 2016.

projetos visam a superação das desigualdades e a celebração das diferenças. Nessa totalização, talvez o que esteja em jogo seja a naturalização dela como expedicionária, como se fosse algo inerente à personalidade e não simplesmente como projeto profissional, que envolve a proposta de todos os programas criados pela apresentadora.

“Rapte-me, adapte-me, capte-me”⁴

Na edição especial de aniversário de Regina Casé, que teve por volta de 1 hora de duração, além do elenco fixo e assistentes de palco, houve a presença de convidados, amigos e familiares que, de alguma forma, fizeram e fazem parte da trajetória da apresentadora e atriz, como por exemplo: DJ Malboro, a escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, Alcione, Jorge Aragão, Glória Maria, Gaby Amarantos, os dançarinos do Viaduto de Madureira, Cauã Reymond, Caetano Veloso, Evandro Mesquita, Jorge Benjor, Fernanda Abreu, dentre outros.

É preciso destacar que foi a primeira vez ao longo das temporadas do *Esquenta!* que uma festa surpresa foi feita para comemorar o aniversário da apresentadora⁵, prática comum em outros programas da emissora⁶. O programa especial, sem uma leitura prévia do roteiro por Regina Casé, foi comandado pelos convidados, que trouxeram presentes para a mesma, relembrando a relação de amizade que têm com ela (contando histórias pessoais) e destacando momentos importantes de sua carreira no teatro, cinema e televisão (reforçados através das imagens exibidas no telão).

Para análise em questão, é importante ressaltar que o *Esquenta!*⁷ foi uma encomenda específica da emissora, para ser exibido nos meses de janeiro, fevereiro e março no horário do almoço em 2011, ano de sua estreia, que fosse “animado, para a

⁴ Trecho da música *Rapte-me Camaleoa*, de Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/rapte-me-camaleoa.html> Acesso em 24 de maio de 2016.

⁵ “Tô achando engraçado porque tudo isso era para ter acontecido ano passado, que era data fechada”. Entrevista disponível em: <http://diversao.terra.com.br/tv/programas/regina-case-chega-aos-61-anos-com-tudo-em-cima-sem-botox,8cd3d3ac277cb410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> Acesso em 24 de maio de 2016.

⁶ Lembrando que o programa estava passando por alguns problemas de baixa audiência, além de ter recebido diversas críticas e suscitado polêmicas, Cf. OLIVEIRA, 2015.

⁷ Para uma análise mais aprofundada sobre o *Esquenta!* Cf. OLIVEIRA, 2015.

família, sem ser desgraceira”⁸. O resultado foi positivo por diversos fatores, rendendo algumas temporadas para o programa, sendo exibido até 2015, com previsão de continuidade para 2016. Sobre o sucesso da atração, Regina cita uma frase de Gilberto Gil que diz funcionar como mote: “O povo sabe o quer, mas também quer o que não sabe”⁹, contribuindo para a valorização e divulgação de determinadas culturas estigmatizadas.

É preciso frisar, então, o tipo de representação do popular que todos esses programas propagam e enaltecem, com uma ideia de festa e celebração das diferenças (com o lema “O que o mundo separa, o *Esquenta!* junta”, por exemplo). A apresentadora relaciona inclusive sua vida pessoal¹⁰ com o surgimento da atração dominical, fornecendo elementos importantes para esta investigação:

Nasci numa segunda-feira de Carnaval. Tudo a ver com o *Esquenta!*. Desisti de fazer festa em casa porque estava ficando ridículo. Eu fazia festa em casa e chamava o Mumuzinho, o Arlindo, o Xande. A comida era a mesma que tinha aqui, a roda de samba. Era como gravar duas vezes ou fazer aniversário duas vezes por semana. O *Esquenta* é filho das festas lá de casa.

Retomando a edição em análise, um dos primeiros momentos a serem destacados acontece quando Glória Maria conta uma história sobre a festa de aniversário de Regina Casé do ano anterior, na qual as filhas estavam felizes porque “tinha todo mundo”, fazendo referência ao fato delas “estarem acostumadas a só irem em festas com brancos”. Segundo ela, foi a primeira vez que elas viram todo mundo “junto e misturado”, fazendo alusão à um dos lemas do programa. Esse aspecto tem relação com uma das características observadas no *Esquenta!*, que é a presença negra não subalternizada, já que os convidados e participantes demonstram seus talentos artísticos diversos, com uma representação diferente da já estigmatizada (por exemplo, ligados à criminalidade em jornais televisivos e em papéis de empregados ou escravizados em novelas).

⁸ Entrevista disponível em: <http://diversao.terra.com.br/tv/programas/regina-case-chega-aos-61-anos-com-tudo-em-cima-sem-botox,8cd3d3ac277cb410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> Acesso em 24 de maio de 2016.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

Além dos convidados levando presentes, foram exibidos vídeos de celebridades lembrando histórias vividas com a apresentadora e mandando recados de parabéns, dentre eles Roberto Carlos, Fernando Meirelles, Paulo Coelho, Zeca Pagodinho, Gilberto Gil, Ivete Sangalo, Mario Testino, Gloria Kalil.

Um dos destaques desta edição específica são os aspectos evidenciados da trajetória profissional da atriz e apresentadora, desde as atuações no teatro com o grupo *Asdrúbal Trouxe o Trombone* nos anos 1970 e 1980; passando pela novela *Cambalacho*; os filmes nacionais *Eu, tu, eles*¹¹, *Made in China* e *Que horas ela volta?*¹²; as atrações televisivas *Programa Legal*, *Na geral*, *Brasil Legal*, *Minha periferia*, *Minha periferia é o mundo*, *Central da Periferia*.

Essa experiência profissional acumulada ao longo de mais de 20 anos serviu de material empírico para o sua atuação mais recente em *Que horas ela volta?*, filme premiado em diversos festivais pelo Brasil e pelo mundo, no qual interpreta Val, uma empregada doméstica que trabalha em uma casa de classe econômica alta em São Paulo e que vê, com a chegada de sua filha Jéssica para prestar vestibular na cidade, sua vida e sua relação com a mesma mudarem significativamente. Na entrevista citada anteriormente, Regina Casé afirma:

Vivemos um momento em que até a empregada tem empregada. Acabou o tempo em que a empregada vinha do Nordeste e deixava o filho pra alguém criar e criava o filho dos outros. O filme da Anna se passa justamente nesse momento de transição e acho tão oportuno que vai dar um gás. Meu personagem, que acho que faço bem e ganhei prêmio, modéstia à parte, é feito em cima da observação. Eu observei isso a vida toda no Brasil Legal: como a mulher catava piolho, como arrumava o cabelo, como penteava o filho, como cortava a cana. Eu guardava tudo e achava que nunca iria usar. Aí veio do filme do Andrucha (*Eu, Tu, Eles*) e usei. No caso desse filme, mais ainda. Nasci em Copacabana, com pai e mãe trabalhando fora. Eu dormia, depois do almoço, como o irmão da minha empregada na mesma cama. Ele ia filar almoço lá em casa. Eu ajudava as empregadas do apartamento do lado a alisar o cabelo, com aquele pente de ferro que ia no fogo. Adorava o cheirinho. Meu mundo era aquele. Nem precisei fazer laboratório.

Prosseguindo com a análise do programa dominical, diversos artistas fizeram

¹¹ Os atores que interpretaram os maridos da personagem Darlene, Lima Duarte, Stênio Garcia e Luiz Carlos Vasconcelos, estavam presentes na gravação e lembraram alguns momentos do filme.

¹² A atriz Fernanda Montenegro comenta sobre o prêmio de atuação do Festival Sundance (EUA) que Regina Casé e Camila Márdila receberam pelo filme. A diretora Anna Muylaert acrescentou dizendo que o festival criou essa categoria de premiação para homenageá-las.

apresentações musicais no palco que também remetiam de alguma forma à vida profissional da apresentadora, tais como a música *Rapte-me Camaleoa*, que Caetano Veloso compôs em homenagem à mesma; a música *Jorge da Capadócia*, de Jorge Benjor exemplificando a fé e religiosidade de Regina Casé, a música *Rio 40 graus*¹³, de Fernanda Abreu, exaltando a cidade onde a apresentadora nasceu e que serve de inspiração para o próprio *Esquenta!*.

Ainda no quesito musical, alguns convidados e membros da roda de samba destacaram uma característica de Regina Casé, como alguém que dá oportunidade para vários talentos, antes desconhecidos e que agora alcançaram reconhecimento nacional, como por exemplo, Mumuzinho, Ludmilla, Leandro Sapucahy e Gaby Amarantos. A cantora paraense acrescentou ainda que “o Norte tá no *Esquenta!*, que o Nordeste vê o *Esquenta!*, que o Brasil está no *Esquenta!*”. DJ Malboro, que diz ser o DJ das festas de Regina Casé, comentou que a mesma ia aos bailes funks que ele fazia pela cidade. Afirma ainda que: “Quem mais promove a igualdade social através da música é Regina Casé”. Tal fala é reforçada pelas imagens de programas anteriores apresentados por ela (*Central da periferia* - 2006, *Na Geral* - 1994, *Programa Legal* -1991), no qual artistas hoje reconhecidos são mostrados antes da fama, mas já aparecendo nesses programas como talentos brasileiros.

Outro momento relevante aconteceu quando o filho do rapper Mano Brown, Jorginho, parabenizou a apresentadora no palco junto com sua mãe e irmã, agradecendo por representar “nosso povo na televisão”. Regina responde então: “Tudo que eu prego no *Esquenta!* eu aprendo com essas pessoas”. Eliane, companheira do rapper, fala de quando conheceu Regina gravando *Central da Periferia*, de como ela percebeu que eles “não iam voltar pra cozinha, que está acontecendo uma revolução e não tem como voltar atrás”. Mano Brown, que se recusa a aparecer na Rede Globo¹⁴, enviou um áudio

¹³ No palco, os convidados dançam junto com os garis (um deles é o famoso Renato Sorriso, que ficou conhecido na Marquês de Sapucaí durante o carnaval), os assistentes de palco e os dançarinos do viaduto de Madureira, reconhecido pelo baile charme.

¹⁴ Mano Brown tem grande reconhecimento do movimento rap no Brasil e não faz aparições na televisão, mas já fez declarações positivas em relação ao *Esquenta!* e a Regina Casé. Cf. OLIVEIRA, 2015.

com os parabéns. Regina agradeceu, pois “mesmo que a cara dele não tenha aparecido, ele mandou a voz, porque a voz dele que move a gente e inspira esses meninos”.

Na relação da apresentadora com a periferia e o movimento negro é importante salientar outras duas presenças: uma de Celso Athayde, fundador da Central Única das Favelas (CUFA) e um dos idealizadores da Liga de Blocos de Carnaval Afros do Rio de Janeiro; e a outra do Vovô do Ilê Aiyê, o primeiro bloco afro de carnaval criado em Salvador (BA), que afirmou que nunca viu “tanto negão na televisão, só no *Esquenta!*”. Tais elogios e considerações sobre o trabalho de Regina Casé e à relação que ela desenvolveu com determinados territórios acaba servindo de capital simbólico para circular por esses lugares e atuar como “parceira” na defesa por reconhecimento midiático.

Outro destaque de depoimento em vídeo foi o diretor de televisão Boni, que a conhece desde pequena por conta da relação com seu pai Geraldo Casé e a caracteriza como um “misto de atriz e repórter”, uma apresentadora que “participa do programa, fica ao lado das pessoas”. Esta é a deixa para mostrar as imagens das outras atrações apresentadas por Regina Casé (*Brasil Legal* – 1995/1997, *Minha periferia* – 2016 e *Minha Periferia é o mundo* - 2007), nas quais viajava pelo Brasil e pelo mundo “descobrimo” histórias e personagens interessantes. Algumas dessas pessoas exibidas no vídeo foram ao palco e rememoraram esses momentos, como Tom do Cajueiro, que exalta: “viva Regina Casé e os personagens que ela descobriu”.

Após relembrar esses momentos, Regina afirmou: “Em todos esses programas eu sempre quis trazer gente que nunca aparecia na televisão e eu só confirmei o que o Caetano já disse: gente é pra brilhar, não é pra morrer de fome”. Caetano Veloso então canta a música *Gente* e no telão aparecem imagens da apresentadora abraçando, beijando, conversando e dançando com as pessoas nos programas realizados ao longo de sua trajetória. Da entrevista já citada, é importante ressaltar o seguinte trecho, que se relaciona com esse “engajamento”:

Tem o preconceito contra as pessoas que eu trago para a televisão. Tem gente que tem medo de funkeiro, porque é preto, pobre, favelado. Preconceito contra nordestino, porque acham que é caricato, boboca. Sempre acreditei que a TV era o lugar dessas pessoas.

O momento final foi constituído por um apelo familiar, com a presença das irmãs da apresentadora, que deram de presente um porta-retratos com uma foto delas quando crianças, vestidas para o carnaval. Em seguida, apareceram em vídeo seu falecido pai, Geraldo Casé, além dos filhos Benedita e Roque. Com a entrada de um bolo de aniversário, a família e os convidados cantaram e dançaram *Parabéns pra você*, finalizando com a tradicional chuva de papel picado.

“Ser, querer ser, merecer ser um camaleão”¹⁵

Diante do exposto nesta comunicação, foram apresentados alguns elementos importantes que configuram a trajetória profissional de Regina Casé enquanto apresentadora e atriz, demonstrando como “família, trabalho, religião, lazer, opções políticas, entre outros, configuram um campo de possibilidades em que os atores individuais se movem, mais ou menos impelidos e pressionados, mas com uma gama básica de alternativas e opções” (VELHO, 1994, p. 79). Sendo assim, adoto a noção de mediação cultural, aplicada não só à apresentadora mas também à equipe envolvida em todos esses trabalhos (principalmente Hermano Vianna como criador de programas de televisão e Guel Arraes como diretor de núcleo da emissora), que perpassa o contexto no qual eles foram produzidos e exibidos, assim como as matrizes culturais utilizadas para a realização dos mesmos.

Sobre o papel do mediador e a dinâmica que envolve sua atuação, utilizo a definição de Karina Kuschnir em seu texto “Trajetória, projeto e mediação na política”, no qual analisa determinada figura política e sua trajetória marcada por processos de mediação. A autora destaca o estabelecimento de pontes por parte do mediador entre os mundos pelos quais circula, criando “espaço de convergência, estabelecendo pontes e conexões entre pessoas, instituições e saberes oriundos de diversos universos culturais” (KUSCHNIR, 2001, p. 160).

Segundo Kuschnir, a interferência do mediador vai além de um mero intermediário, pois sua atuação é mais ampla, não apenas transportando informações de

¹⁵ Trecho da música *Rapte-me Camaleoa*, de Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/rapte-me-camaleoa.html> Acesso em 24 de maio de 2016.

um lado para o outro. A interferência do mediador é criativa, gerando novos valores e condutas (*ibidem*, p. 158). É legítimo questionar qual seria a motivação desses mediadores, ao promoverem entendimento, comunicação, aproximação e trocas culturais entre diferentes grupos, na tentativa de reduzir distâncias culturais, questões recorrentes no discurso de Regina Casé no *Esquenta!*, por exemplo, quando a apresentadora enaltece o espaço do programa como promotor da igualdade social e construtor de pontes que promovem encontros.

Kuschnir afirma que “o mediador usufrui uma inserção social privilegiada. Seu papel é estratégico, na medida em que suas decisões podem interferir e influenciar a vida e o prestígio daqueles que estão em seu campo de ação, seus contemporâneos” (*ibidem*, p. 159). Dessa forma, podemos perceber a utilização de estratégias visando determinados fins e projetos ideológicos, considerando a atuação do mediador como aquele que estabelece pontes e comunicação entre os universos pelos quais transita.

Para dialogar a função de mediadora com a ideia de performance, utilizo as discussões sobre representação a partir de Erving Goffman, que entende tal termo como um processo de comunicação que funciona como um jogo de informações enquanto ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas (GOFFMAN, 2002, p. 17). Goffman utiliza o termo fachada para se referir à performance, que funciona como equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (*ibidem*, p. 29). Tal ideia permite a comparação também com as máscaras simbólicas que os atores do teatro se utilizam para compor seus personagens, que se aproxima inclusive da vivência teatral da apresentadora presente em sua trajetória.

Por seu caráter ambivalente, a impressão de realidade criada por uma representação é uma coisa delicada e frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos (*ibidem*, p. 58). Sendo assim, as impressões alimentadas pelas representações cotidianas estão sujeitas à ruptura (*ibidem*, p. 66). Tais idiossincrasias dizem respeito a qualquer tipo de representação, incluindo a do programa e da apresentadora, marcadas por ambivalências e complexidades.

De uma maneira geral, a performance de Regina Casé gira em torno da ideia de circularidade por diversos territórios, com rompimento de fronteiras simbólicas e

trânsito livre pelas distintas classes sociais, que, através das narrativas televisivas, apresenta a diversidade cultural brasileira, mediando com uma postura carismática a relação entre o público e a televisão. O tom das entrevistas é informal e de intimidade, numa tentativa de aproximação do cotidiano delas com uma abordagem que se pretende espontânea.

Por conta de tais características, podemos aplicar a essa figura pública da apresentadora o conceito de *broker* para descrever sua performance, como aquele que rompe as barreiras e transita por diversos territórios, apresentado por Maria Laura Cavalcanti, no livro *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile* (2006). A autora utiliza esse conceito para analisar a figura do carnavalesco das escolas de samba, como mediador das complexas relações da sociedade e da tradição lúdica do carnaval. A figura do *broker* é descrita como flexível, representando aquele que transita entre grupos distintos e domina códigos diferenciados, destacando seu papel mediador. Analisando a trajetória de Regina Casé como apresentadora de programas, percebemos que o conceito de *broker* é compatível com a performance enquanto artista que ela vem apresentando na televisão brasileira.

Baseado nessas encenações, podemos dizer que a apresentadora, ao mesmo tempo em que possui uma imagem positiva de mediação, ao promover encontros no estilo “tudo junto e misturado”, por outro lado assume uma postura que se aproxima de uma ideia de apaziguamento das diferenças e de conformação através da convivência harmônica entre classes sociais distintas, acomodando o conflito e a possibilidade de transformação das estruturas sociais.

Essa chave de negociação utilizada, da harmonização dos conflitos aliada ao carisma da apresentadora, acaba deixando o público com dúvidas acerca da veracidade de sua atuação como mediadora, em alguns casos. Em seu próprio discurso, tanto no *Esquenta!*, quanto nos programas anteriores, Regina Casé ratifica a questão de ter “cara de pobre”, de “meio branca, meio preta, meio nordestina”, ou seja, o fato de ter um rosto comum que nunca seria de “mocinha” de novela¹⁶.

¹⁶ “Tenho essa cara de pobre, meio branca, meio preta, meio nordestina. Eu não ia fazer a mocinha da novela”. In: CHAVES, Sarah Nery Siqueira. Tenho cara de pobre: Regina Casé e a

Tais afirmações apelam para um contato mais direto com o público, afastando a ideia de uma artista intocável. Pelo contrário, a imagem que se busca construir é de alguém não só acessível ao povo, como parte do mesmo. Por outro lado, por estar numa classe socioeconômica privilegiada e não ser de origem periférica, muitas vezes a apresentadora é questionada sobre seu lugar de fala e sua autoridade para discutir questões de territórios estigmatizados que não fazem parte de sua realidade social, não convivendo com as dificuldades enfrentadas nesses lugares, por exemplo.

Considerando o conceito de representação social e a noção antropológica de mediadora cultural, defendo a hipótese de que Regina Casé e seus programas desempenham papel fundamental de mediação, a partir da construção de uma performance da apresentadora como uma espécie de “cartógrafa da alteridade”, uma “antropóloga midiática do popular”, capaz de transitar entre o mundo da televisão e da cultura popular, em um exercício de “tradução” assegurado por sua legitimidade e autoridade. Lembrando que tais noções são complexas e suscitam diversas disputas e conflitos, ainda mais considerando o caráter de camuflagem que uma camaleoa pode ter.

Referências Bibliográficas

- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CHAVES, Sarah Nery Siqueira. *Tenho cara de pobre: Regina Casé e a periferia na TV*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- _____. *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *Os exercícios do ver* - Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora Senac SP, 2001.

OLIVEIRA, Ohana B. *Esquenta!* - Mediação Cultural: tudo junto e misturado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

_____. “*O que o mundo separa, o Esquenta! junta?*”: como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura - Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

_____. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs). Mediação, cultura e política. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.